CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAULO BRANCO OU A VÃ GLÓRIA DE PRODUZIR
20 de novembro de 2026

VILLA MAURESQUE / 1992

Um filme de Patrick Mimouni

Realização, Argumento e Montagem: Patrick Mimouni / *Direção de Fotografia*: Florent Montcouquiol / *Som*: Rémy Attal / *Música*: Zézé Barbosa, Marc Sommer / *Produção*: Paulo Branco / *Interpretações*: Arielle Dombasle (Sandra), Pascal Greggory (Vincent), Luís Miguel Cintra (Tiago), Olga Valéry (Nella), Rogério Samora (Henrique), Afonso Melo (Miguel), André Gomes (Homem com Camisa Colorida), Alda, Claudia Arriegas, Zézé Barbosa, Luís Ferreira, entre outros / *Cópia*: 35 mm, falado em francês e em português, legendagem eletrónica em português / *Duração*: 114 minutos / *Estreia Mundial*: Agosto de 1992, Festival de Locarno / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca.*

***

A primeira tentação será compararmos **Villa Mauresque** com outros filmes de produção internacional, com a marca de Paulo Branco, rodados em Lisboa, nomeadamente **Dans la ville blanche** (1983) do suíço Allan Tanner, **Doc's Kingdom** (1988) do americano Robert Kramer, **Lisbon Story** (1994) do alemão Wim Wenders ou **Trois poins sur la rivière** (1999) do francês Jean-Claude Biette. E a primeira verificação, resultante desta comparação, será a de que esta Lisboa revelada pelo realizador e escritor francês, natural da Argélia, Patrick Mimouni é bem mais misteriosa e noturna do que os casos vertentes. Uma cidade mais próxima de um filme como **O Fio do Horizonte** (1993), *noir* fantasista de Fernando Lopes adaptado de um livro do italiano Antonio Tabucchi, do que com a imagem estereotípica da "cidade branca". É uma obra escura, "fechada", de interiores, em que se privilegia, pois claro, o *décor* fabricado do hotel decadente "Villa Mauresque", gerido por esta espécie de Norma Desmond, a protagonista de **Sunset Boulevard** (1950), da Velha Europa encarnada por Olga Valéry, a patrona russa que gere o palacete assombrado por um passado que, imaginamos, foi de alguma grandeza.

O filme começa com um *travelling* seguindo o passo de Valéry pelo salão do antigo palácio mourisco (que na realidade corresponde a uma das salas da Casa do Alentejo). O andar lânguido e a caracterização carregada desta personagem servem de respaldo a uma atmosfera saturada de mistério e de nostalgia. Sentimos que entrámos – e nele permaneceremos durante uma grande parte do filme – num "Xanadu" perdido no tempo, uma "arca portuguesa" em que o principal efeito é a inércia. É aí que trabalha como "guarda noturno" – e por vezes se deixa adormecer no horário de expediente – o protagonista Vincent, interpretado por Pascal Greggory. O "lado lunar" deste retrato começa aqui, pois as noites de Vincent serão tudo menos calmas: a personagem que mais o irá despertar e "puxar" para fora, aventurando-se na madrugada, é Sandra, mulher "de cristal" interpretada por Arielle Dombasle, personagem enigmática, que tem uma visão utilitária da vida – parece que tudo para ela gira em torno do assunto dinheiro, enquanto bebe, copo atrás de copo, a sua bebida favorita, "champagne rosé".

Há um lado **The Wizard of Oz** (1939) nestas indagações do protagonista pelos recantos mais ou menos secretos da cidade, indo ao encontro de personagens consumidas pelos seus desejos e embrenhadas em altas solidões cheias de fado e, claro, muito "à portuguesa", de melancolia. A solidão mais grave de todas é a que acomete um escritor – talvez onde Mimouni mais se projeta – encarnado por Luís Miguel Cintra. Tiago, de seu nome, é um homem de meia-idade que teve

uma história vivida com o tio do protagonista – o seu primeiro elo é o passado, e dele raramente sai, já que não consegue, e parece não querer, libertar-se de uma relação tóxica, sem futuro, com Henrique (Rogério Samora).

Dizer que **Villa Mauresque** é um filme *queer* poderá ser reduzir demasiado a proposta de Mimouni, mas também é verdade que o desejo é absolutamente central e condiciona sobremaneira "o jogo" das personagens, começando pelo protagonista, que também se aventura noite adentro "à caça" de companhia (difícil não se pensar, a este propósito, no magnífico **L'homme blessé** [1983] de Patrice Chéreau, com argumento co escrito por Hervé Guibert). O filme é essencialmente um pequeno conto coral sobre a cidade de Lisboa e desenrola-se no encalço de personagens à procura de si mesmas enquanto também buscam alguma forma de companhia. Como diz a dado momento Tiago a Henrique antes de uma cena de violenta pancadaria: "Vejo-te como tu és. Vejo-te como tu serias se tu te conhecesses". Um filme, portanto, deambulatório vogando à boleia de personagens feridas, desamparadas, naufragadas no tempo e à deriva no espaço, em incursões autossacrificiais pelos interstícios da cidade. Sempre que saem, parece que morrem mais um pouco. "Si je souffre, je meurs", adverte Sandra ao início. E é para enganar o sofrimento, ou para tentarem sofrer menos, que as personagens se põem em movimento, *se expõem ao movimento*, mesmo que "não sofrer" signifique beijar, abraçar, esmurrar ou dançar violentamente. Como diz Tiago ao abraçar e forçar Vincent para a pista de dança, é como uma dança com a morte. As relações são algo ásperas – sobretudo entre os portugueses – mas não há aqui personagens com certezas em relação a nada na vida. O protagonista é um *rêveur* pós-bressoniano, um homem à procura de si mesmo, uma pura personagem volante e vidente – que faz do ver e observar o seu principal "modo de ação". E o filme, entidade sonâmbula, faz-se muito modernamente como ele e com ele, passo ante passo.

Como notou Frédéric Strauss, na elogiosa crítica publicada nos *Cahiers du cinéma*, intitulada «L'élégance même» (Julho de 1993), vigora intacta em Mimouni a "crença de que é suficiente seguir as personagens para que o cinema revele uma intensa beleza. Seguir, mas seguir verdadeiramente, quer dizer, amar estas personagens mesmo sem história, mesmo sem originalidade ou sem mensagem". A liberdade do filme – soa curiosa a palavra "liberdade" aqui, já que toda a gente, começando pela velha patrona russa, parece estar "presa" a um lugar qualquer, mesmo que seja infatigável a tal deriva por ruas e bares – diz respeito a esta entrega total às (in)decisões das suas personagens, à maneira como jogam o jogo da vida. E se deixam tomar, na cidade certa, porquanto fechada e misteriosa, por uma espécie de melancolia bela, intoxicante e fantasista.

Luís Mendonça